

Apresentação da Obra do Cor Castro Carneiro, edição ACR

"ENCONTRO COM A minha HISTÓRIA"

Porto, 3 de outubro de 2025, Museu Militar

Com "casa cheia", foi mais de uma centena de pessoas, decorreu nas instalações do Museu Militar do Porto a apresentação da Obra do Cor Castro Carneiro, "ENCONTRO COM A minha HISTÓRIA", editado pela ACR.



Na sessão intervieram o Comandante do Museu Militar, o Jorge Sarabando, o Prof Luís Loureiro, o Jorge Aires e o Autor. Deixo-vos as palavras proferidas no lançamento do Livro pelo Vice Presidente da ACR, pelo Prof Luís Loureiro e pelo Presidente da ACR.



No dia 6 de novembro pelas 18h apresentaremos o livro em Lisboa, na Casa do Alentejo e, logo que possível, o livro será colocado à venda no portal da ACR.

Palavras do Jorge Sarabando, Vice Presidente da ACR

Antes de mais, quero saudar, em nome do Núcleo do Porto da ACR, a presença de todos e agradecer ao Museu Militar por ter acolhido esta iniciativa, a apresentação do livro “Encontro com a minha história”, do Coronel Castro Carneiro. Não haveria melhor lugar do que este, pois foi aqui, há 51 anos, que uma das colunas comandadas por capitães de Abril, veio, entre aclamações de uma multidão imensa, abrir portas e janelas de uma casa sinistra, onde durante décadas estiveram presas milhares de pessoas, tantas foram cruelmente torturadas e até mortas. Foi naquele dia de Abril de 74 que daqui saíram os últimos presos políticos, de cabeça erguida e um sorriso luminoso. Naquele dia e aqui, na cidade do Porto, bem se pode dizer que venceu a liberdade, nasceu a democracia e voltou a esperança na paz e numa vida melhor.

Um muito obrigado vai para o autor desta obra, que a ACR se orgulha de editar. Encontro com a minha história, assim se intitula, mas, diga-se, encontro também com a nossa história colectiva: por ela passam a realidade da guerra colonial, os primeiros passos do movimento dos capitães, as operações militares do 25 Abril na Região Militar Norte, vivências do processo revolucionário, as alfurjas da rede terrorista da extrema direita, as injustiças cometidas sobre lúdimos militares de Abril por certos vencedores de Novembro. Uma obra carregada de memória e de verdade, nela se revelam factos que urge conhecer.

Nela podemos seguir o itinerário pessoal, cívico, profissional de um capitão de Abril, cidadão vertical, militar íntegro, um ser humano generoso. Um encontro que é, afinal, com a sua e a nossa história.

Hoje anuncio a apresentação, no mês de Novembro, de uma nova edição dos Cadernos de Abril. Nela serão publicadas as intervenções na sessão realizada em 2 de Junho, aqui ao lado, na Junta do Bonfim, comemorativa da tomada de posse da Assembleia Constituinte, e evocativa do Marechal Francisco da Costa Gomes, textos da autoria do Magistrado dr. Pedro Baranita, da dra. Maria José Gomes Teles Grilo, do Coronel Manuel Lopes, do Comandante Silveira Pinheiro, do Almirante Martins Guerreiro e do General Jorge Aires, aqui presente.

Para nos dar a conhecer melhor a obra e o homem, temos connosco o jornalista e professor da Universidade do Minho Luís Miguel Loureiro, e o Major General Jorge Caldeira Aires, Presidente da Associação Conquistas da Revolução.

Palavras do Prof Luís Loureiro

Boa tarde,

Não há-de passar muito tempo, assim o esperamos, até que possamos chamar a este mesmo lugar, o Museu da Resistência Antifascista. Na verdade, se há lugar, nesta cidade do Porto, que é testemunho da memória da luta de tantos contra o fascismo, alguns, demasiados, pagando o preço da sua própria vida, este, é esse lugar.

Não podíamos estar, por isso, em melhor sítio para o que viemos aqui fazer.

Um dos problemas que encontro na nossa experiência contemporânea é o de termos matado a morte. A esperança de vida, que, em Portugal, ganhámos decisivamente após a revolução de Abril, porque, convém não o esquecer, se a ciência a aumenta, a guerra diminui-a sempre, dizia... a esperança de vida está a empurrar a morte para longe. Passamos hoje mais décadas do que nunca, a adiá-la.

A questão é que a memória não está a acompanhar o aumento do tamanho efectivo das nossas vidas. Parece até ter uma relação de proporcionalidade inversa: quanto mais longa a vida, mais curta a memória. Que raio de coisa se passa quando é ao **esquecimento** que dedicamos esta estranha aceleração que, na verdade, encolhe vidas que poderiam ser tão mais vividas!

Repare-se no contrassenso: em vez de aproveitarmos o facto de nunca, na história humana, termos vivido tanto, em vez de saborearmos esse tempo estendido que a ciência moderna nos tem vindo a oferecer, destruímos-lo, dizendo que o tempo, esse tempo, mais não é do que dinheiro.

Acho que chegam facilmente ao primeiro ponto onde quero ancorar o meu raciocínio: o esquecimento é um dos grandes produtos e uma das principais forças motrizes do capitalismo. Esquecer é aceitar a escravização da vida pelo capital.

Mas não devemos ficar por aqui:

Hoje, não podem restar dúvidas acerca da triangulação que capitalismo e esquecimento estabelecem com o fascismo.

São inúmeros os autores que, há muito, nos alertam para a ligação entre a fascização das sociedades e a erradicação da memória. A queima dos livros, a proibição da arte, do pensamento livre e do confronto de ideias, todas as *kristallnachts* do tempo histórico, constituem a síntese dos modos pelos quais o fascismo sempre impôs o esquecimento como ditadura.

Penso, no entanto, que nunca vivemos num tempo em que fosse tão claro o outro lado do triângulo. O lado que liga os vértices do fascismo e do capitalismo.

É verdade que, nos fascismos de primeira geração, essa ligação já existia, já lá estava. Mas o capitalismo, ao fazer a transição do mercado de bens para o mercado de capitais, acabou por encontrar, nas democracias liberais, melhor disfarce, do que nas ditaduras, para o seu longo processo de fascização das relações sociais. Durante as oito décadas que decorreram desde a Segunda Guerra Mundial, foi na democracia liberal de tipo representativo que o capitalismo se dissimulou, aparentando ainda uma leve intenção de melhoria das relações sociais e a manutenção do Estado como *interface*. O que temos, agora, no entanto, já não é mais do que o resultado desse longo processo de fascização. A máscara, inevitavelmente, caiu. Transformado o mercado de capitais na mais pura economia especulativa, capitalismo e fascismo equivalem-se hoje, ao mesmo tempo que as sociedades que controlam estão esfrangalhadas.

É por isto que a luta contra o esquecimento se está a transformar na luta mais difícil das nossas vidas. E é por isto que a luta contra o esquecimento é, hoje, a luta decisiva do nosso tempo. Lutar contra o esquecimento é dinamitar o triângulo equilátero que nos está a destruir como comunidade humana.

Penso que foi isso que viemos aqui fazer.

Vimos a um lugar de memória, memória vivida e memória morrida, lugar onde a morte, assim chapada nas nossas faces, é o nosso confronto com a urgência de viver.

Diz-me a minha antiga formação em ciências exactas e da vida, que a dupla negação é, em Matemática, uma afirmação. Digo isto porque, na deliciosa ironia com que provoca os outros, sempre que vamos ao seu encontro, o coronel Castro Carneiro, assinado sempre José Adelino, insiste em dizer que este é um não-livro. Eu, que o li, e, a par do nosso camarada Rui Pereira, auxiliei na sua revisão, não tenho dúvidas em afirmar que não, o *Encontro Com a Minha História*, de Castro Carneiro, não é um não-livro.

Um não-livro seria se o autor apenas quisesse saber de si, escrever para si. Um não-livro serão todos os livros que adicionam esquecimento ao esquecimento do outro. Já há demasiados não-livros.

Este livro é exactamente o contrário.

Encontrarmos a história de Castro Carneiro, a história do capitão que Abril escolheu para ser madrugada no Porto, é encontrarmo-nos a nós mesmos nos inúmeros encontros que Castro Carneiro nos convoca a fazer com os homens que o comandaram e que ele comandou, com os homens que influenciaram o seu pensamento e a sua acção, com os homens que o relegaram depois ao esquecimento forçado, iniciando assim, mal Novembro tomou conta de Abril, o longo processo de refascização da sociedade portuguesa.

Encontrarmos a história de Castro Carneiro é também encontrarmo-nos decisivamente com a verdade dos factos, crua como só os factos foram, sem subterfúgios, pontas soltas ou habilidades de leitura manhosa para consumo da contrafacção histórica a que estamos a ter direito.

Nestas páginas, Castro Carneiro rejeita sempre dizer-nos que foi assim, só porque ele acha que foi assim. Não, ele demonstra, ele convoca constantemente o testemunho do tempo, o testemunho dos ditos e dos escritos de quem viveu o tempo na pele, as palavras e os actos, os seus e os dos seus camaradas. É também o testemunho dele, claro, mas é sempre um testemunho em diálogo e em debate. Nas páginas deste livro, nunca há um "eu", há sempre um "nós", imenso.. Tal como Rui Pereira escreve no brilhante texto de apresentação aqui publicado, é ancorado num gesto de profunda generosidade que Castro Carneiro nos leva, pela mão, ao encontro da nossa história.

Num momento em que o esquecimento generalizado até a possibilidade da aniquilação da raça humana se arrisca a produzir, é bom que nos lembremos de que a missão maior que o coronel Castro Carneiro e os seus camaradas de armas nos mostraram existir na vida de um militar, é a missão da paz.

Eles foram militares da paz.

Seremos uma sociedade inviável no momento em que o esqueçamos por completo.

Obrigado.

Palavras do Jorge Aires, Presidente da Direção da ACR

Boa tarde a todos,

Permitam-me que inicie estas breves palavras por três notas prévias:

- Agradecer à Direção do Museu Militar a possibilidade de aqui realizar esta iniciativa;
- Manifestar o enorme regozijo pela recente decisão da Assembleia da República de aqui instalar o "Museu da Resistência Antifascista no Porto".

Foi longa a luta. Com esta decisão será dado um contributo insubstituível para que *não apaguem a memória* do que aqui se passou no tempo do fascismo (ainda tenho bem presente o cerco que aqui fizemos a seguir ao 25 de abril de 1974 para que libertassem os detidos);

- Sublinhar o privilégio que é para mim e para a ACR aqui estar e participar no lançamento de uma obra que seguramente irá marcar o panorama editorial em Portugal sobre a nossa interrompida Revolução, em particular sobre o que se passou no Norte.

Porque decidiu a ACR editar a obra hoje aqui lançada?

A ACR não é uma editora e o Cor Castro Carneiro é o segundo Autor que a ACR entendeu dar à estampa. Saberão que o primeiro é o nosso associado, o Prof António Avelãs Nunes, cidadão do mundo, com a obra " O Novembro que Abril não merecia" e que vai na 3ª edição revista, dada à estampa no passado mês de março,

A decisão da Direção da ACR teve, fundamentalmente, em conta o conteúdo da Obra do Castro Carneiro. Das obras publicadas sobre o que se passou em Portugal no período da Revolução, particularmente no Norte, a obra que o Castro Carneiro nos oferece, pelo seu conteúdo e formato, certamente marcará o panorama editorial português. Trago aqui o que o saudoso Matos Gomes escreveu no Prefácio da Obra:

O livro de José Castro Carneiro rompe o silêncio que tem sido deliberadamente criado sobre o 25 de Novembro no Norte de Portugal e esse silêncio é deliberado porque os acontecimentos no norte de Portugal contrariam a versão oficial.

Carlos de Matos Gomes no Prefácio à obra.

Sobre a oportunidade da edição e o conteúdo da Obra.

Comemoramos os 50 anos da Revolução de Abril, esse Processo Revolucionário interrompido em novembro de 1975 pelos inimigos de sempre, de Abril e da democracia.

Retorno ao prefácio da Obra:

Este livro revela, no fundo, uma triste história de indignidades consubstanciadas nos episódios de perseguição que os vencedores do 25 de Novembro no Porto, seguindo a orientação do comando de Lisboa, exerceram sobre os militares que cumpriram, em primeiro lugar, os seus deveres deontológicos e, em segundo, que cumpriram o programa do MFA

Carlos de Matos Gomes no Prefácio à obra.

Vencedores de Novembro, adversários de Abril!

Adversários de Abril e do respeito pelos direitos humanos.

Adversários de Abril e da nossa Constituição.

Adversários de Abril serventúrios do grande capital financeiro e que se apoiam no Estado fazendo-se eleger num embuste da democracia de Abril.

Adversários de Abril que pretendem fazer retornar Portugal aos tempos do fascismo e da exploração sem limites dos trabalhadores.

Comemoramos os 50 anos da Revolução da Abril num calendário que assinala o 50º aniversário do ano em que na Assembleia Constituinte estava em elaboração a Constituição de Abril que resistindo aos novembristas veio a ser promulgada a 2 de abril de 1976.

Comemoramos os 50 anos da Revolução de Abril num tempo em que a ofensiva contra Abril foi revigorada pela atual composição da Assembleia da República e em que, quem sempre esteve contra Abril, viu agora chegar o momento de dar destaque ao que pretendiam com o 25 de novembro de 1975 contando para isso, lamentavelmente, com quem já devia ter aprendido que "Roma não paga a traidores" (os que não sendo adversários de Abril, a estes se aliaram para combater Abril).

Por tudo o que precede, o notável conteúdo da obra hoje aqui lançada merece a chancela da Associação Conquistas da Revolução. Nela encontrareis uma imensidão de factos ocorridos no tempo do PREC que, a esta distância, condimentados/contextualizados e enriquecidos com o que entretanto tem vindo a ser revelado por outros protagonistas daquele tempo, não deixam margem para dúvidas quanto à afirmação - os adversários de Abril são fascistas, remeto-vos para as palavras de Rui Pereira incluídas na apresentação da Obra:

Homens de Abril houve que escaparam por pouco à supressão das suas próprias vidas, como esteve programado na "Operação Montanha", da responsabilidade do brigadeiro Pires Veloso, aqui descrita por Castro Carneiro, e que visava abatê-los num simulacro de fuga quando se encontravam reclusos na prisão de Cústias nos primeiros meses de 1976.

Os adversários de Abril **recorreram ao terrorismo para almejar** interromper a democratização do País e, quem com eles pactuou fê-lo adotando o postulado de que *os fins justificam os meios* pelo que não só não têm de que se surpreender com o que presentemente se está a passar como ainda é tempo de refletir e mudar de rumo juntando esforços com os defensores de sempre de Abril, da democracia, das conquistas da revolução e da conquista dessas conquistas que é a Constituição.

Vale a pena aqui destacar o que a propósito do 11 de março e da dita "Matança da Páscoa" Castro Carneiro nos deixa na página 54:

Por coincidência, ou não, também no Chile, a Junta Militar de Pinochet, para justificar o seu golpe, também declarou oficialmente existir um plano – o chamado ‘PLANO Z’ – em que participava a Guarda Pessoal do Presidente Salvador Allende, que pretendia eliminar fisicamente os chefes militares e os dirigentes da Oposição. Foi para evitar a sua concretização que a Junta tivera de fazer o Golpe de Estado. Apetece perguntar: Qual terá sido a ‘escola onde se aprendem estas coisas’? Tão distantes no espaço, não tão distantes no tempo, mas tão semelhantes no modus operandi!!!

e questionar se o que se passou não devia ter sido suficiente para que os militares de Abril opositores da esquerda militar resistissem ao que veio a ser um *abraço de urso* com que os inimigos de Abril os presentearam. Pelos vistos não foi. A semente já vinha de trás...

(...) "o MDLP resultou de um pedido de ajuda do PS aos spinolistas, a seguir ao 28 de Setembro, para que se criasse, na área militar, uma força que se opusesse ao PCP."

Entrevista no Público, 16 de Novembro de 2000, de Eduardo Dâmaso a Alpoim Calvão 'NA ORIGEM DO MDLP ESTEVE O PS', citado na pág. 55

Muito podia dizer sobre o que o Autor articula ao relatar o antes e o depois de Novembro e os questionamentos que lhe suscitam o que se passou. Deixo isso pra as vossas leituras.

Sobre o Autor

Não consigo síntese mais assertiva, *"utopia de ser útil*

"

Percy Alvarado Godoy, grande revolucionário cubano, referido por Rui Pereira na apresentação da obra

Sobre o Autor falando como militar que sou

Um Capitão de Abril que fez a sua formação na Academia Militar mas não renegou as suas origens e com isso quero dizer que não pertencia ao grupo dos que foram para a Academia Militar e quando chegasse a hora, detentores do poder das armas, contribuírem para manter no poder os senhores disto tudo.

Um combatente que mais não reclama do que respeito

“A todos, governantes ou não, o nosso apelo: Não endeusem os ex-combatentes, não os glorifiquem ou não os refiram apologeticamente, mas Respeitem-nos!”, Citando Vasco Lourenço, a propósito do que é devido aos ex-combatentes da Guerra colonial, página 30

Um Capitão de Abril que caldeado pela Guerra assumiu responsavelmente a rutura

"O requerimento que nessa data assinei...atropelava tudo aquilo que eu sabia que podia fazer. Era dirigido ao Presidente do Conselho de Ministros e não ao meu comandante hierárquico e não era assinado só por mim", página 31, aludindo ao requerimento de setembro de 1973 que solicitava a não entrada em vigo da legislação publicada que abria a porta à entrada de milicianos no QP em condições de vir a frustrar as expetativas de quem já estava no QP

Um Capitão de Abril que faz parte dessa geração de militares que romperam com a tradição do apoio ao golpe de um qualquer caudilho ao serviço dos que sempre viveram e vivem à custa do trabalho alheio.

Um Capitão de Abril que não procurou os holofotes e a ribalta politico-mediática mas sem necessariamente estar escondido e dando a cara sempre que o cumprimento da missão o requeria ainda que ele destaque ter-se tratado do mais moderno e por isso a missão a ele ter sido atribuída.

Esteve presente na 1ª reunião conspirativa de oficiais, em Setembro de 1973, em Angola; Posteriormente, no CICA 1, integrou o grupo de oficiais que planearam o 25 de Abril, no norte do país; em 23 de Abril de 1974 distribuiu, com outro oficial, as Ordens de Operações para o 25 de Abril, às Unidades Militares de Lamego, Vila Real, Chaves e Bragança; em 25 de Abril de 1974 foi encarregado de prender o Chefe do Estado-Maior do Quartel General da Região Militar do Norte tendo participado em algumas das operações militares executadas na cidade do Porto, necessárias à condução do 25 de Abril

Fonte: Curriculum Integral do Autor

Um Capitão de Abril que faz parte dessa geração dos homens sem sono que ao seu povo e com ele se empenharam em libertar Portugal do fascismo e construir uma sociedade mais justa e fraterna.

Também a carreira de militar revolucionário de Castro Carneiro o levaria a trabalhar em Informações e, nesse quadro, a integrar no Quartel-General da Região Militar Norte a equipa que descobriu e fotografou, em Espanha, os traços germinais do ELP e do MDLP que poriam Portugal a ferro e fogo no chamado "Verão Quente" e muito para lá dele.

Rui Pereira na apresentação da obra

Um Homem e Militar que faz parte dessa geração de militares para os quais a moral e a ética são imperativos de atitudes e ação.

O livro oferece-nos, um registo insubstituível para entender como Capitães de Abril pisaram "o fio da navalha" para defender a construção da Democracia e o Portugal de Abril.

Se fizéssemos o contraste entre a moral e a ética onde hoje está ancorada a formação dos militares e o como a moral e a ética eram entendidas e assumidas pelos militares de Abril, concluiríamos da necessidade de acentuar ser essencial que não nos desviemos do teor do parágrafo 4 do Artigo 275 da nossa Constituição, "As Forças Armadas estão ao serviço do povo português, são rigorosamente apartidárias e os seus elementos não podem aproveitar-se da sua arma, do seu posto ou da sua função para qualquer intervenção política". Neste particular como em muitos outros domínios é preciso que a Constituição se cumpra.

Trago aqui algo que escrevi sobre as questões da ética e da moral ao refletir sobre o que o nosso amigo Avelãs Nunes escreveu na sua obra a que já aludi e com que tituló o seu Capítulo XII, "A MORAL E A POLITICA TÊM DE ANDAR SEMPRE JUNTAS". Podemos ler este título como um mandamento para as nossas vidas. Este mandamento esteve sempre presente na ação do Castro Carneiro, o código de valores que abraçou ao decidir servir Portugal nas Forças Armadas impunham-lhe, como derivativo, o respeito de tal mandamento. Quando sobre isto refletimos, fica evidente a baixeza daqueles que a tudo recorreram para ganhar o confronto em que decidiram eleger como inimigo (e principal) a esquerda militar e os gonçalvistas. Poderá a História compreendê-los mas não pode passar uma esponja sobre o que fizeram e com quem o fizeram.

Castro Carneiro deixa-nos um relato rico do que foram esses tempos permitindo-me eu destacar toda a envolvente do processo conducente à substituição do Brigadeiro Corvacho por Pires Veloso, foi uma ferida profunda nas forças de Abril mas, a luta é contínua e aí está com as próximas batalhas das eleições autárquicas e presidenciais.

A todos apelo à intensificação da ação de esclarecimento e mobilização para as batalhas que nos confrontam.

Um especial obrigado ao Castro Carneiro pelo que nos trouxe.